

LUTA POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO: A Escola Família Agrícola sob o tripé estratégico de formação, reprodução e emancipação dos sujeitos camponeses de Anagé/BA

Guilherme Matos de Oliveira¹
Joelma Miranda Coutinho de Souza²
Lara Dalpério Busciolli³

Introdução

Entende-se historicamente que a reprodução dos camponeses e sua relação com a terra é pautada pela sua sobrevivência; nisso se considera a vida camponesa um modo de vida que cria e se recria pela sobrevivência do camponês e de sua família, em que não é seu objetivo primeiro extrair renda da terra, como os grandes latifundiários fazem.

Nesse sentido, o presente trabalho reza a estrita relação entre as lutas dos camponeses de Anagé/BA com a proposta educativa de formação, reprodução e emancipação desses sujeitos pela Escola Família Agrícola (EFA), em que por meio de uma educação contextualizada tem-se como princípio pedagógico a alternância entre teoria e prática, contribuindo na formação dos estudantes camponeses pela aquisição de valores humanos, bem como na experiência e aplicação dos conhecimentos agregados pelo ensino da escola junto à suas famílias na terra de trabalho.

Elementos teóricos e metodológicos

Dentre as inúmeras lutas dos sujeitos camponeses, surge a luta por uma educação concernente à realidade do campo brasileiro, onde em 1998, a partir de algumas entidades e movimentos sociais como a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e a Universidade de Brasília (UnB), forma-se a Associação Nacional por uma Educação Básica do Campo, onde esta promoveu a primeira conferência denominada “Por Uma Educação do Campo”, que foi realizada em Luziânia/GO em 1998. Por meio desta conferência, defendeu-se

¹ Graduando em Geografia – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Email: ggui995@gmail.com

² Mestranda em Geografia – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Email: jm.geo@hotmail.com

³ Mestre em Geografia – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP.

Email: lara.dalperio@gmail.com

a necessidade de visualizar o campo como parte da totalidade-mundo e não como parte fragmentada do espaço, como “sobra” dos centros urbanos. Assim, “[...] era necessário, primordialmente, estabelecer a importância que tem o campo para a partir daí refletirmos acerca de uma Educação do Campo [...]” (FERNANDES; MOLINA, 2004).

As razões que fizeram com que se emergisse a luta por um projeto de educação diferenciado, denominado de Por Uma Educação do Campo advém da marginalização dos camponeses pelo avanço destrutivo do capital no campo, onde a luta pela Educação do Campo se torna possível pelo fato de os movimentos socioterritoriais camponeses estarem construindo sua luta pela terra e por um outro projeto de desenvolvimento para a sociedade diferente do projeto do agronegócio (CALDART, 2017).

Na discussão das propostas “Por uma educação do campo”, uma das experiências significativas desse processo se expressa pela Escola Família Agrícola (EFA). De acordo com Ribeiro (2010) a EFA surge de um modelo de escola francesa composta de jovens filhos de agricultores que não se interessavam pela escola, que oferecia um ensino desarticulado com o modo de vida e do trabalho camponês. Assim, agricultores de Lor-et-Garone, aldeia do sudoeste da França, com apoio do padre Abbé Granereau criaram a Maison Familiare Rurale – MFR em 1935, cujo modelo de escola se espalhou por todo o mundo.

Inspirada no modelo francês, a EFA foi criada no início da década de 60, seguindo a Pedagogia da Alternância, sendo que a experiência italiana chegou ao Brasil antes da MFR. Almeida; Germani (2013) colocam que a prática da alternância é diferente da formação integral, sendo que na EFA percebemos a valorização do saber que resulta das práticas sociais.

Segundo Oliveira (2009), em 1968, no município de Anchieta, sul do Espírito Santo, chega o padre italiano Humberto Pietrogrande, que se compadece com a situação da região, em meio à ditadura militar, onde o campo vivia a perversidade da Revolução Verde, que preparava grandes latifúndios com máquinas e defensivos agrícolas. O padre tinha conhecimento da EFA da Itália, e por meio do Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo (MEPES), com apoio da Igreja Católica e da sociedade italiana implantou as primeiras EFAs brasileiras, que hoje estão especializadas à nível nacional pela União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil (UNEFAB), criada em 1982, cuja expansão dessas escolas pelo Brasil teve grande influência das Comunidades Eclesiais de Base (CEB’s).

Sob o contexto de ampliação da EFA nos espaços camponeses brasileiros, tem-se o intuito de compreender a proposta educacional da EFA, sendo necessário especializar

brevemente a referida escola e contextualizar a implantação desta no município de Anagé, elucidando sua organização e práticas de ensino, no fomento por uma educação camponesa frente às intervenções do modo de produção capitalista no campo.

A Escola Família Agrícola de Anagé, no sudoeste da Bahia, está localizada na Fazenda Sertaneja, ao lado oeste da cidade e com distância de aproximadamente um quilômetro do perímetro urbano, nas margens da estrada que dá acesso à barragem do município. Seu surgimento aconteceu mediante a parceria da Associação das Escolas e Comunidades Agrícolas da Bahia (AECOFABA), do Projeto de Desenvolvimento Comunitário da Região do Rio Gavião (PRÓ-GAVIÃO), da Prefeitura Municipal de Anagé e da busca das comunidades rurais da região por uma escola em que se contextualizasse a realidade dos pequenos agricultores, que pelo modo de vida camponês vão se reproduzindo e se recriando em suas terras de trabalho.



Figura 1: Escola Família Agrícola de Anagé, no sudoeste da Bahia
Fonte: Dias, Silva (2013)

Durante a jornada de quinze anos a escola tem agregado alunos de vários municípios vizinhos, além de oferecer um modelo educacional que se difere da educação regular, propondo

a prática da educação contextualizada pela Pedagogia da Alternância, onde se estabelece a relação teoria e prática em vista ao desenvolvimento crítico e social do aluno, bem como da relação do mesmo com seu espaço por meio da produção na terra de trabalho de sua família, fazendo com que eles optem em permanecer no campo.

Compreendendo a importância desse modelo educacional para/pelo campo, o objetivo central desse trabalho é analisar a proposta pedagógica da Escola Família Agrícola (EFA) no bojo da luta pela reprodução dos camponeses de Anagé/BA, pautando-se no levantamento bibliográfico de teóricos que discutem tanto a questão agrária quanto a educação do campo, a espacialização da EFA da Europa para o Brasil, bem como a análise histórica e pedagógica da referida escola localizada no município de Anagé-BA, através do acesso ao relatório que elenca a implantação e principais atividades desenvolvidas pela escola, no intuito de compreender as práticas pedagógicas específicas desta que reverberam na criação e recriação dos camponeses presentes no campo do município em estudo, seja por meio das vivências dos jovens estudantes camponeses na terra de trabalho, bem como no fortalecimento desses sujeitos no âmbito político e da agregação de valores presentes na família desses estudantes, despertando nesses sujeitos a emancipação de uma classe, na qual eles fazem parte, em vista da luta por uma educação do campo.

Algumas considerações

Entendendo a centralidade das lutas em favor dos camponeses que se recriam nas contradições da lógica do capital, seja na luta para se reproduzirem enquanto classe social, na luta pela terra, na luta pelo trabalho na terra e por uma educação do campo, consideramos que a proposta pedagógica da EFA presente no espaço agrário de Anagé, que tem como premissa a afirmação do camponês no seu espaço diante da proposta educacional da Pedagogia da Alternância, busca recriar a relação que há entre homem e terra, terra e homem, onde é de suma importância que os sujeitos camponeses não se fragmentem na totalidade de suas relações sociais, na busca pela transformação social e emancipação humana deles próprios.

Portanto, trata-se de um projeto de educação que tem como objetivo fundamental atender aos camponeses, e não somente a eles, mas a qualquer outro setor ou projeto da sociedade que tenha como princípio a busca da superação das relações capitalistas, que de forma alguma deve ser pensado a partir dos princípios do agronegócio. Procura-se, então, buscar propostas plausíveis por uma educação camponesa. Essa educação não pode ser um projeto de

integração/subordinação ao capital: é de defesa pelos interesses dos camponeses que perpetuam seu modo de vida pelas suas condições de trabalho e pelo vínculo à terra, espaço fundamental na construção das relações sociais do campesinato.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA PINTO, M. P. de; GERMANI, Guiomar Inez. **Território da Educação do Campo: As Escolas Famílias Agrícola**. In: XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2013, Lima. Anales del XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina, 2013.

ASSOCIAÇÃO DA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE ANAGÉ, Vários autores. **Relatório**. Anagé, 2017 (Relatório impresso).

CALDART, Roseli Salete. **Momento atual da educação do campo**. Disponível em: <<http://www.nead.org.br/artigodomes/imprime.php?id=27>>. Acesso em: 29/04/2017.

DIAS, Dévisson Luan; SILVA, Poliana Reijane. **Projeto Educando com à Horta Escolar e a Gastronomia: Ressignificando o currículo escolar da EFA – Escola Família Agrícola, Anagé, BA**. In: I Simpósio Baiano de Geografia Agrária e XI Semana de Geografia da UESB, 2013. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/sbga/anais/arquivo/arquivo%2026.pdf>>

FERNANDES, Bernardo Mançano; MOLINA, Mônica Castagna. O campo da educação do campo. In: MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sonia Meire Santos Azevedo de (Org.). **Por uma educação do campo: contribuições para a construção de um projeto de educação do campo**. Brasília: Articulação Nacional “Por Uma Educação do Campo”, 2004. p. 53-91. (Por Uma Educação do Campo, 5).

MOLINA, Mônica Castagna. **A Contribuição do PRONERA na construção de políticas públicas de Educação do Campo e Desenvolvimento Sustentável**. Brasília, 2003. (Tese) Doutorado em Desenvolvimento Sustentável. Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília.

OLIVEIRA, Marcos Marques de (org). **Vozes e visões do campo**. São Paulo: Petrópolis, 2009.

RIBEIRO, Marlene. **Movimento camponês, trabalho e educação. Liberdade, autonomia e emancipação: princípios/fins da formação humana**. 1^oed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.